



RESENHA –

Saudade e rusticidade: sentido da convivência com o semiárido em fazendas do Cariri Paraibano, Valdênio Freitas Meneses

Jucilene Maria Martins Lampa¹

Vencedora do Prêmio Capes de Melhor Tese de Doutorado - Sociologia - no ano de 2019, a obra “Saudade e Rusticidade: sentido de convivência com o semiárido em fazendas do Cariri paraibano”, possui duzentos e quinze páginas e é dividida em quatro capítulos. O professor Valdênio Freitas Meneses baseia-se em biografias, genealogias e memórias de família a respeito das secas e a criação de animais. Segue também o legado de Pierre Bourdieu nos termos das reconversões sociais como tentativa para explicar estratégias de manutenção e transformação no patrimônio material e simbólico das classes dominantes.

A leitura dessa rica pesquisa é indispensável aos estudantes de Ciências Sociais, já que apresenta as contradições entre os discursos da elite e a manutenção do poder criativo da lógica de dominação, sob a aparência das secas do Nordeste.

Além disso, é possível aderir o estudo realizado à área de Literatura brasileira visto que o autor utiliza análises a respeito das características da linguagem nordestina presentes nas narrativas

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professora do Ensino Superior na área de Comunicação. Vinculada à SEED. Contato: jucilenelampa@yahoo.com.br

locais, ou seja, linguagem natural, em paralelo ao padrão da língua culta empregue pelos contadores de história da elite.

A obra utiliza linguagem fácil e esclarecedora ao processo que envolve um estado político de crise permanente justificada pelas secas; evidencia a tentativa das famílias Dantas Vilar, Suassuna e Fernandes Batista de transformar suas fazendas em locais de culto à memória e modelos da caprinocultura. São mantras da convivência com as secas, ou seja, “convivência conveniente”, recursos mobilizados pelas elites pecuaristas para despertar o imaginário regional.

Meneses aborda de maneira especial a reorganização das tradições elitistas no ambiente rural, nas fazendas das famílias Dantas Vilar, Suassuna e Fernandes Batista. Essa reconversão possibilita compreender a defesa da grande propriedade pecuarista com o fenômeno da seca. Nessa narrativa, o objetivo principal é compreender os valores compartilhados em famílias detentoras e investidoras na criação de caprinos, sabendo que essa região é uma das mais secas do Brasil - divisa entre a Paraíba e Pernambuco.

As fazendas antigas são locais de memória e servem de modelos empresariais na criação de cabras; espaços de experimentação de técnicas de convivência com a seca. Essas áreas são firmadas pela prática capitalista do mercado pecuário e algodoeiro, que nas últimas décadas do século XX entraram em declínio.

A divisão temporal convida o leitor a observar as gerações das famílias proprietárias e as mudanças nas desigualdades sociais rural-urbano no semiárido nordestino, exibindo mapas, figuras, frases de rótulos, versos, quadros e diagramas locais. Esses recursos tornam as explicações do autor mais valiosas, porque possibilitam a análise geográfica e literária da época. Com base nessa referência, a estrutura textual divide-se em quatro capítulos; o primeiro é de extrema relevância para estudantes de Ciências Sociais, pois o autor dá acesso às fontes, debates, artigos jornalísticos de revistas ligadas às entidades de classe dos grandes pecuaristas do Nordeste. A terra e o homem são dados icônicos na prévia da análise literária: remetem a um passado nobre, de prestígio e mando.

No segundo capítulo, Valdênio tenta compreender como a geração dos Fernandes Batista - escolarizada nas cidades de João Pessoa e Recife -, representada pelo professor Malaquias Batista Filho, planejam a convivência com as secas a partir de escrita de livros de memória, confraternizações familiares e construções de museus particulares. A linearidade nas narrativas dos patriarcas das fazendas era divergente da vida social nos sertões coloniais; os conchavos e as parentelas pedindo salvação ao norte sofrido das secas permaneceram como estratégias na posse de uma mesma elite durante mais de três séculos.

O terceiro capítulo é marcado pela análise das famílias “primas” Dantas Vilar e Suassuna, a partir de pesquisas nas fazendas Carnaúba, Pau Leite e Bonito “Taperoá - Paraíba”. Utiliza, além das entrevistas com membros da família, crônicas de Manuel Dantas Vilar e do saudoso Ariano Suassuna para acompanhar como os símbolos - os centenários ferros de gado - se tornam logomarcas de queijo de leite cabra produzido em um laticínio da fazenda. Essa aliança pecuarista e familiar entre Vilar e Suassuna é reafirmada em exposições anuais de caprinos no chamado “Dia D”.

É importante destacar o sobrenome Suassuna e o elo, por meio da escrita, com a Literatura brasileira e a cultura popular nordestina, evidenciando a influência dos grandes proprietários nas produções literárias e artísticas. O escritor Ariano Suassuna sempre foi muito ativo nos meios culturais, liderou o “movimento armorial” - base erudita que distinguia socialmente uma elite intelectual de outros grupos - interessado no desenvolvimento e no conhecimento das formas e expressões populares tradicionais. Dedicou-se também à prosa de ficção, classificado por ele de romance. Filiou-se à terceira geração modernista, essa vertente surgiu em um contexto histórico que propiciou uma experiência literária voltada para a questão estética; apropriou-se de estruturas textuais como as religiosas; subverteu às formas, agregando aos tradicionais elementos regionais da cultura nordestina; incorporou a literatura de cordel. Tanto sua formação básica como toda sua obra, denotam e caracterizam vivamente as raízes da pernambucanidade. Em 1955 escreveu sua obra mestra, “O Auto da Compadecida”, avaliada como o texto mais popular do moderno teatro brasileiro. A peça é uma releitura dos autos medievais, de Gil Vicente, baseado em tradições antiquíssimas da literatura de cordel para enobrecer os humildes e criticar os poderosos. Vale reforçar que Ariano desenvolvia as obras literárias com peculiaridades na base da cultura erudita, ou seja, a tentativa da formação de uma essência nacional. Nesse tipo de produção, os criadores contam, recontam as mesmas histórias e acrescentam o toque pessoal.

A família Suassuna é marcante na Literatura porque Ariano se imortalizou na mente de milhões de paraibanos, nordestinos e brasileiros.

No quarto capítulo, o professor retoma a discussão a respeito de como fazendeiros adotam visões de mundo não apenas local, mas que espalham percepções comuns às elites produtoras nordestinas; reúne como fonte reportagens, editoriais, crônicas de edições de revistas de associações pecuaristas do Nordeste. Ademais, destaca as condições sociais de produção de um discurso de convivência com as secas criado pelas elites, e como a construção biográfica de um patriarca do semiárido, nas fazendas, são condicionadas a um projeto memorial em defesa do passado. Propõe ainda debater a expressão convivência com as secas como um conceito de contradições entre

diferentes defensores em um campo de lutas sociais. Essa é a tentativa de sair de um lugar comum, identificando as estratégias de poder relacionais entre os variados praticantes que acionam cada qual suas convivências e seus “semiáridos”. Retoma o segundo e o terceiro capítulo descrevendo a apresentação biográfica dos patriarcas vivos: 1) da infância de “meninos da fazenda”; 2) momento da morte do pai e de “voltar” à fazenda; 3) a missão de “honrar” a memória da família e transformar a centenária fazenda.

O autor tenta compreender que a dualidade é uma marca constante no problema da seca e sua causa real está com os fundiários das grandes propriedades pecuaristas. Querem produzir socialmente uma crença para legitimar a propriedade de terra, de uma vocação sem alternativa para pecuária no Nordeste.

Nesse contexto de estudo, reforça que as transformações recentes nas relações de poder, possibilita, por meio da leitura - dessa obra - reconhecer os sertanejos, entre o século XX e XXI, como seres sociais em mudança e que há um lento desmanche no monopólio de estereótipos - identificados com as elites pecuaristas -, os quais focam a visão do Nordeste apenas como sertão rústico, isolado, fechado, nas tradições.

Nessa perspectiva, é importante lembrar, segundo o autor, que o declínio dos pecuaristas não é sinônimo de que sua posição social foi extinta; continuam legitimando os privilégios elitistas ao mesmo tempo em que o trabalhador sertanejo avançou nos direitos trabalhistas. Por fim, a apreciação da tese é importante para se esclarecer as mudanças das últimas décadas e o porquê de as políticas públicas terem alterado a lógica de desigualdade social, movimentos pastorais e de críticas acadêmicas, que desvendaram a autoimagem da elite pecuarista nordestina.

Recebido em: 10 maio 2022.

Aceito em: 5 jun. 2022.